



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

EU CURTO: O DOCUMENTÁRIO EM CURTA METRAGEM E AS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA, COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS, RESGATANDO MEMÓRIAS

Nicole de Medeiros Barcelos¹

Eixo Temático: Educação e tecnologias

Resumo expandido:

Este trabalho é resultado de um projeto fomentado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que foi realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de Santa Catarina no primeiro semestre de 2017, durante as aulas de Língua Portuguesa, com vistas à promoção da reflexão sobre o posicionamento do aprendiz no mundo e da sua participação em sociedade enquanto sujeito autor de uma realidade, através do desenvolvimento de filmes documentários em curta-metragem. Sabendo-se que, com os avanços das tecnologias digitais, têm-se modificado as maneiras com que os sujeitos se relacionam uns com os outros e com o próprio mundo, modificam-se também as relações que mantêm com o próprio processo de aprendizagem. Pois, a tela, como um espaço de construção de sentidos sincrônico, portátil, rico em hipertextos e informações, transforma as próprias formas de interação entre “escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento” (SOARES, 2002). A tecnologia da tela, diferente da do papel, abre espaços e potencializa as possibilidades para a comunicação entre os indivíduos da mesma sociedade ou de sociedades distintas, que também têm acesso a ela e à rede mundial de computadores. Nesse ambiente, a comunicação não está encerrada à linguagem verbal, constituindo-se enquanto prática intersemiótica e plural, com a qual surgem diferentes formas de se ler e se interagir com a realidade – e de saber fazê-lo. Afinal, mesmo os sujeitos que não se veem diretamente envolvidos com determinadas tecnologias digitais (que

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Agência de fomento: CAPES. E-mail: nicolebarcelos@live.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

abrangem desde os aparelhos televisores aos altamente tecnológicos dispositivos móveis hoje adotados por uma grande fatia da população), essas alteram tão profundamente os procedimentos interpretativos das comunidades que as adotam que, como ressalta Jordão (2007), todos os sujeitos são afetados pelos reflexos da utilização desses recursos e da consequente reconfiguração do processo comunicativo que dela decorre. Com mudanças tão significativas nos processos de interação, as instâncias instauradas por essas tecnologias determinam a própria participação do sujeito na sociedade, que depende de seu domínio dessas práticas, de modo que esse precisa estar letrado para tal. Mais do que uma “cultura letrada”, hoje tem-se o que Marcuschi (2005) denominou de uma “cultura eletrônica”, em detrimento do referido imbricamento da atividade linguística com as mídias virtuais nessa “era digital”. Por isso, tem-se também um letramento situado (BARTON & HAMILTON, 2000) nessa cultura – um letramento digital. Sendo esse “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES, 2002, 151), atualmente muitos dos estudantes que chegam à escola poderiam ser considerados letrados digitais. No entanto, embora possam ser efetivamente tidos enquanto supostos “nativos digitais” – definidos por Prenksy (2001), que cunhou o termo, como aqueles sujeitos nascidos na era digital, e, portanto, “falantes” da “linguagem digital”, a qual se opõem os “imigrantes digitais”, que não nasceram nesse período e “imigraram” para essa linguagem – esses aprendizes muitas vezes dominam apenas um conjunto de práticas em ambiente digital, como o uso das redes sociais, mas não dão conta de potencialidade dessas ou não as “dominam”, de fato. Para a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2016, p. 87), “[...] a escola precisa, assim, comprometer-se com essa variedade de linguagens que se apresenta na TV, nos meios digitais, na imprensa, em livros didáticos e de literatura e outros suportes, tomando-as objetos de estudo a que os estudantes têm direito”. À instituição de ensino, como o espaço que não é “preparatório para o mundo”, mas o próprio mundo em si, não cabe negar tais tecnologias, mas aderir a elas – não obstante todas as leis que banem aparelhos celulares da sala de aula, por exemplo, temendo que esses prejudiquem o aprendizado quando poderiam



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

muito bem estarem auxiliando-o. Afinal, como um direito, o letramento digital, bem como o letramento midiático, faz-se crucial, também, para a participação de práticas letradas no espaço escolar. A escola, então, precisa promover eventos de letramento que possibilitem essa apropriação, que se adeque à linguagem do estudante, e explane as possibilidades que as tecnologias da era digital oferecem para a sua interação com o mundo e com seus pares. O documentário em curta-metragem, nesse sentido, demonstrou-se como um espaço fortuito para o desenvolvimento de tal atividade e do fomento dessas práticas, uma vez que pertence à esfera cinematográfica, midiática, e pode ser construído a partir das tecnologias digitais hoje popularizadas, como os *smartphones*, desde sua pré-produção à sua pós-produção e publicação, em redes sociais e plataformas de vídeos, como o *YouTube* e o *Vimeo*. Ao se promover o envolvimento com a produção desses curtas-metragens, pretendeu-se oportunizar que os estudantes fossem autônomos em meio a seu processo de aprendizagem, tal qual sugere Freire (1996), e que pudessem manifestar suas vozes e serem ouvidos. Para tal, trabalhou-se o gênero documentário em curta-metragem desde a sua motivação, através da escrita de relatos pessoais, à criação dos roteiros, execução das filmagens e edição dos filmes, de forma a fazer com que os estudantes se envolvessem com todo o processo de criação e autoria de textos que foram, posteriormente, socializados na plataforma do *YouTube*. A ação dos bolsistas do PIBID, dessa forma, buscou explicitar as possibilidades de expressão que os sujeitos aprendizes já conheciam, mas utilizavam para outros fins, ressignificando recursos e ferramentas de seu cotidiano como também ferramentas para a transformação do seu mundo e de suas realidades. Com recursos como celulares, aplicativos e softwares de edição gratuitos, esses estudantes foram capazes de criar filmes em que não foram apenas protagonistas, mas diretores, roteiristas e editores de seus mundos.

Palavras-chave: Documentário. Curta-metragem. Letramento digital. Letramento midiático.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

Referências bibliográficas

BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. **Situated literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000, chapter 1, p. 7 -14.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JORDÃO, Clarissa Menezes. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, n. 46, v. 1, p. 19-29, 2007.

MASCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, cap. 1. p. 13 – 67.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**. NCB University Press, vol. 9, n. 5, 2001.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**. Campinas: Cedes, p. 143-160. 2002.